

A ACTIVIDADE LIVREIRA NO PORTO NO SÉCULO XVIII

(Contribuição para o seu estudo)

Por Maria Adelaide de Azevedo Meireles

I — Introdução

O século XVIII português foi, sem dúvida, uma época de grande desenvolvimento cultural. Os problemas do ensino, a medicina e as ciências em geral, o teatro, a ópera, apareceram divulgados em inúmeras publicações. Começaram também a imprimir-se com maior regularidade vários periódicos, difundindo-se deste modo todo o género de notícias, mesmo as publicitárias.

Acompanhando naturalmente o progresso do tempo, a tipografia alcançou apreciável incremento e surgiu, por isso, um vasto número de oficinas de impressão, a par de lojas de livros, no desempenho da sua importante missão.

Uma tal actividade sócio-económica e cultural verificou-se também no Porto. Por certo, não se poderá comparar à dos principais centros culturais do país — Coimbra e Lisboa — onde, numa tentativa de resposta, se evidenciaram, com grande aperfeiçoamento da técnica, notáveis oficinas tipográficas: a Impressão Régia, a Oficina da Academia Portuguesa da História, a Imprensa da Universidade. No entanto, se compararmos a produção de setecentos com a dos séculos anteriores, seremos levados a falar em dinamização da imprensa portuense, num arranque de produção, sobretudo a partir da segunda metade do século.

II — Organização do Ofício de Livreiro-Impressor

No período setecentista eram conhecidos pelas designações de livreiros, impressores, compositores e mercadores de livros os que os editavam, imprimiam, encadernavam ou vendiam, sendo o termo mais usado o de livreiro¹.

¹ É com este sentido genérico que usaremos a palavra no decurso do texto.

O conjunto de informações inseridas no quadro que apresentamos mostra que todas estas actividades estavam intimamente ligadas, a ponto de coexistirem ou poderem coexistir a oficina de impressão, a de encadernação e de «feitio de livros» (em branco ou riscados), bem como a loja de livros. Está neste caso o livreiro Manuel Pedroso Coimbra que imprimiu pelo menos 42 obras entre 1741 e 1765, tendo-se igualmente dedicado a trabalhos de encadernação para o Cabido da Sé² e Ordem Terceira de S. Francisco³ e ao comércio de livros⁴.

Desde longa data que os livreiros estavam incluídos nos ofícios mecânicos, agrupando-se sob a bandeira de S. Miguel e fazendo-se representar na Casa dos Vinte e Quatro. Sabe-se que, no Porto, figuraram ao lado dos demais ofícios na procissão do *Corpus Christi*⁵.

Em Lisboa foi sua Confraria a de Santa Catarina de Ribamar e, mais tarde, a Irmandade de Santa Catarina do Monte Sinai⁶. Tiveram regimentos em 1572 e 1733 e obrigavam-se a não usar o ofício, nem abrir loja, sem primeiramente se submeterem a um exame, cujo resultado ficava registado num livro da Câmara⁷.

Aconteceria o mesmo na cidade do Porto?

Está documentalmente comprovado que, no século XVI, acordãos camarários estabeleciam que nenhum oficial podia exercer o seu ofício ou abrir loja sem ser examinado. É natural que os mesmos acordãos se mantivessem em vigor no séc. XVIII⁸. No entanto, não deparámos com qualquer regulamento específico para os mestres e oficiais livreiros, nem tão-pouco com nenhuma carta de ofício passada pela Câmara.

² BASTO, Artur de Magalhães — *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do séc. XV ao séc. XVIII*. Porto, Câmara Municipal, 1964, p. 251.

³ Arq.º da Ordem Terceira de S. Francisco — Maço de recibos de 1751-1752.

⁴ Em 1731 a *Gazeta de Lisboa*, n.º 43, p. 436, anuncia que Manuel Pedroso Coimbra vendia os *Sermões* do Padre José do Nascimento e, em 1762, a sua casa é indicada como depositária da *Gazeta Literaria*.

⁵ Arq.º do Gabinete de História da Cidade — Livro 44 de *Vereações*, f. 42 (Vereação de 9 de Março de 1622). Citado por Luís de Sousa Couto — *Origem das procissões da cidade do Porto*. Porto, Câmara Municipal, 1936, p. 29.

⁶ LOFF, Maria Isabel — *Impressores, editores e livreiros do séc. XVII em Lisboa*. «Arquivo de Bibliografia Portuguesa», Coimbra, 10/12 (37/48) 1964-1966, p. 50-51.

⁷ FREITAS, Maria Brak-Lamy Barjona de — *A real Irmandade de St.ª Catarina da Corporação dos livreiros e os seus juizes nobres*. Sep. «O Instituto», Coimbra, 1947.

⁸ Os referidos acordãos encontram-se em cópias dos sécs. XVII e XVIII, no *Livro dos acordos que se fizerão e reformarão no año de oitenta e sete años...* 1601 (Livro 3), f. 44 v.; *Livro 2 de Accordãos ou posturas*, f. 41 e no *Livro dos Acordãos que se devem observar nesta cidade do Porto. Feito no anno de 1787* (Livro 5), f. 53 e 65 — Arq.º do Gabinete de História da Cidade.

Em face de documentação encontrada, a conclusão a que chegamos é de que, a terem qualquer regulamento, o não cumpriram já nos finais de setecentos. Assim aconteceu em 1776, quando nada menos do que sete livreiros⁹, notificados pelos almotacés para apresentarem a licença que lhes permitia ter loja aberta, saíram vencedores, embargando a acusação, apesar de não possuírem a referida licença e de afirmarem que a não deveriam tirar. Foram os seguintes os embargos apresentados:

1.º — «... neste Reyno qualquer libro para correr livremente e poder venderse tem licença do Supremo Tribunal do Dezembargo do Paço, da Real Meza Censoria, do Tribunal da Inquição e do Ordinario e nestas mesmas licenças se dá geral faculdade aos livreiros para poderem vender os libros neste Reyno e para fora d'elle».

2.º — «... a faculdade de se poderem vender libros nam pertença ao Senado da Camara tanto nesta cidade como noutra qualquer villa ou cidade do Reyno porque esta materia pertença aos ditos Tribunais privativos onde depois de licenciados e taxados nada mais se perciza para correrem e se venderem livremente sem que outro algum Magistrado mais se possa entrometer em semelhante materia».

3.º — «... nesta cidade nunca ouve costume de pedirem e tirarem os libreiros licença do Senado da Camara para poderem ter logea e vender libros e sempre tiverão a liberdade de ter logea vender libros sem a dita licença e nesta pose da liberdade e izenção se conservam os embargantes per sy e antepasados Mestres Libreiros ha mais de trinta sincoenta cem e mais annos digo cem duzentos e mais annos e desde tempo immemorial a esta parte e sempre assim o virão os presentes e ouvirão a seus pasados sem fama nem rumor em contrario».

4 — «... indo Antonio Alves Ribeiro Guimarães, e Jozé Pinto Soares libreiros desta cidade à de Penafiel na feira de Sam Martinho a vender libros ahy os quizerão obrigar a tirar licença para a vendagem dos mesmos libros e agravando para o Doutor Corregedor desta Comarca tiveram provimento julgandose que não necessitavam da dita licença...»¹⁰

Parece, portanto, que o sector livreiro teve maiores liberdades que o de Lisboa. Foi talvez essa a razão por que, em 1792,

⁹ Trata-se de José da Conceição e Castro, Manuel Pinto do Amaral, Manuel Alves da Costa Paiva, Luís António Gonzaga, João Pires Henriques, José Vieira e Bernardo António Farropo.

¹⁰ Arq.º do Gabinete de História da Cidade — *Livro 2 de Acordãos ou posturas*, f. 139 e segs. Referido por Artur de Magalhães Basto — *Um amigo dos livreiros do Porto*. «O Primeiro de Janeiro». Porto, ano 98, n.º 81, 23 Mar. 1956, p. 1 e 7.

um encadernador francês, João Gaspar Bertin, depois de ver indeferido o pedido que apresentou à Corporação dos Livreiros para trabalhar na capital, com João Reycend, veio para o Porto e ficou em casa de Pedro Ribeiro (possivelmente Pedro Ribeiro França), da Rua das Flores. É também curioso que, segundo afirmação do próprio Bertin, o livreiro portuense o havia contratado em França.¹¹

Como profissionais, os livreiros pagavam o «maneiro», não escapando igualmente a outros impostos.¹²

Entre os livreiros e impressores, como acontecia em muitos outros ofícios, a Câmara nomeava louvados para, sempre que necessário, procederem a avaliações em lojas de livros, oficinas de impressão ou mesmo em bibliotecas particulares¹³.

Finalmente, e ainda no que concerne à organização profissional, importa salientar que, por vezes, o ofício se mantinha tradicionalmente nas mãos de uma mesma família¹⁴, tendo até havido uma oficina que assim permaneceu, durante quase um século, ao serviço desta cidade¹⁵.

III — O Comércio do Livro

Embora remontem ao século XV os primórdios da imprensa portuense (como é sabido em 1497 Rodrigo Álvares imprimiu, nesta cidade, as *Constituições que fez ho senhor Dom Diogo de Souza bpo do Porto...*), pouco ou nada se conhece da actividade tipográfica dessa época e dos dois séculos seguintes.

¹¹ FREITAS, Maria Brak-Lamy Barjona de — *Um livreiro-encadernador francês em Portugal*. «Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto», Porto, C. M. P., 7(4) Dez. 1944, p. 317-328.

¹² O registo desses pagamentos foi feito em livros próprios que se conservam no Arq.º do Gabinete de História. Trata-se dos Livros de Décimas, Livros de Maneio, Lançamento dos quatro e meio por cento e Lançamento dos cinco e meio por cento.

¹³ Alguns juramentos por eles prestados, para o exercício de tal cargo, estão incluídos nos Livros de Termos dos juramentos dos louvados de 1774-1784 e de 1795-18... — Arq.º do Gabinete de História da Cidade.

Ainda a este propósito, note-se como curiosidade o facto de Manuel Pedroso Coimbra ter avaliado em 1776 a «livraria» do bispo do Porto e Francisco Clamopin Durand ter executado igual trabalho, relativamente ao Mosteiro de Grijó (Arq.º Distrital do Porto — *Mitra* n.º 122, f. 4 v. e *Livro 95 do Mosteiro de Grijó*, f. 138-139 e 207).

¹⁴ Foi, por exemplo, o caso de Manuel Caetano de Sousa e Manuel Alves da Costa Paiva que, conforme refere a *Lista da Companhia de Ordenanças da Freguesia da Sé* — 1764, f. 4 v., a de 1782, f. 4 e a de 1794, f. 4 (Arq.º do Gabinete de História da Cidade), tinham seus filhos a ajudá-los no ofício.

¹⁵ Trata-se da importante família de livreiros que está ligada ao nome de António Alvares Ribeiro. Após a sua morte, em 1812, a oficina passou a designar-se «Viúva Alvares Ribeiro e Filhos». Um deles, Joaquim Torquato, declarou em 1855 ter estabelecido oficina de impressão na rua dos Lavadouros (Arq.º do Gabinete de História da Cidade — *Livro dos proprietários das Tipografias e Litografias* — 1837-1876, f. 1).

HISTORIA
DA DONZELLA
THEODORA,
EM QUE TRATA
DA SUA GRANDE FORMOSURA,
E SABEDORIA.

Traduzida do Castelbano em Portuguez

POR
CARLOS FERREIRA
LISBONENSE.



PORTO:

Na Officina de ANTONIO ALVAREZ RIBEIRO,

Anno de 1790.

*Com licença da Real Mesa da Commisãõ Geral sobre
o Exame, e Censura dos Livros.*

Para os séculos XVI e XVII, apenas se encontram referenciadas 7 e 29 obras, respectivamente¹⁶.

Nessa altura havia ainda livreiros que trabalhavam no Porto acidentalmente¹⁷. Por outro lado, é curioso que um mercador de livros, João Baptista Ribeiro, cujo trabalho se prolongou até ao segundo quartel do século XVIII, mandasse imprimir em 1682 e 1684, em Coimbra e Lisboa, e à sua custa, duas obras de Frei Luís de São Francisco. No século XVIII, pelo contrário, os livreiros exerceram a sua actividade mais regularmente.

Não há notícia de ter existido, no Porto, uma rua dos Livreiros, nem qualquer outro topónimo que faça lembrar a sua profissão, como aconteceu em Lisboa ou Coimbra. No entanto, no século XVIII, as suas lojas situavam-se quase sempre numa mesma área que, de resto, foi a escolhida por muitos comerciantes desta cidade — a rua dos Mercadores, a rua dos Flores e o Largo de S. Domingos.

Através da documentação consultada, achámos mencionados 90 livreiros. Na contagem, excluímos todos os que, designados como «oficial de livreiro», não se podem considerar estabelecidos por conta própria. No entanto, só conseguimos encontrar especificada a actividade de 47 e, à falta de dados que o comprovem, não podemos afirmar se os 43 restantes estariam ou não a trabalhar por conta de outrem.

Constatámos também que, no mesmo total de 90, 16 eram impressores. Com oficina de feitiço e encadernação comprovámos que estiveram estabelecidos 10. Finalmente, sabemos que 38 estavam ligados ao ramo comercial.

Parece-nos que este último número poderá ser interpretado como índice de um razoável movimento comercial, por certo relacionado com o aumento da massa de leitores ou simples compradores. Nesta perspectiva se poderá entender o facto de António Álvares Ribeiro, estabelecido com oficina na rua de S. Miguel, onde vendia a sua produção, manter aberta uma loja de livros na Rua das Flores.

Importa, também, anotar que, para além das lojas propriamente ditas, existiam outros postos de venda, não directamente ligados ao sector livreiro, mas que contribuíram para a difusão do livro. Com efeito, à semelhança do resto do país, deparamos com diversas alusões à venda de livros de índole religiosa e moral, nas portarias de instituições religiosas da cidade — Congregação

¹⁶ Dados recolhidos nos catálogos ou bibliografias de Ameal, Anselmo, Azevedo-Samodães, Barbosa Machado, D. Manuel, Inocêncio, Pinto de Matos, Catálogo da Academia das Ciências (Ver referências bibliográficas no final do trabalho). Servimo-nos ainda dos ficheiros da biblioteca do Seminário da Sé.

¹⁷ Cf. MATOS, Marina de Moraes Freitas de — *Impressores, editores e livreiros no Porto do século XV ao século XVIII*. «Arquivo de Bibliografia Portuguesa», Coimbra, 16 (61/62) Jan.-Jun. 1970, p. 105-120.

do Oratório, Hospício do Senhor de Além, Convento de S. Bento da Vitória, Mosteiro da Serra¹⁸. Encontrámos também referência a uma firma de negociantes alemães da rua das Flores, Trausche e Comp.^a, que se dedicava ao mesmo tempo ao comércio de instrumentos e de publicações musicais, sendo inclusivamente depositária do *Jornal de Modinhas*, periódico de Lisboa¹⁹. Além disso, era praticada a venda directa por parte dos autores²⁰.

Para a comercialização do livro contribuíram, sem dúvida, novas técnicas entre as quais avulta o recurso à publicidade. Os anúncios figuravam, muitas vezes, nas folhas suplementares das próprias edições, sob a forma de listas. As obras indicavam ainda os preços e anunciavam outras que estavam no prelo²¹.

Por vezes, tinham inseridas na portada indicações dos locais onde se vendiam, tanto no Porto, como noutras cidades.

A propaganda editorial era igualmente feita nos periódicos. A *Gazeta de Lisboa*, o *Jornal Enciclopedico*, o *Mercurio Historico, Politico e Litterario* e a *Gazeta Literaria* (cujos 13 primeiros números foram editados no Porto²²) incluem anúncios de obras impressas ou à venda nesta cidade, bem como os nomes de mercadores de livros que possuíam as últimas novidades.

Com a finalidade de garantir comercialmente as edições, surgiu a prática das subscrições, ao que parece importada de Espanha. A este propósito, aponta-se como curiosidade um excerto da *Gazeta de Lisboa* (n.º 15, 1796): «Havendo-se adoptado o moderno uso de Hespanha nas continuadas subscrições que alli se fazem com grande aceitação do Público, tendente a enriquecer a sua lingua com inumeras obras e dar-lhes ao mesmo tempo mais facilmente sahida, propõe-se por subscrição a publicação das seguintes ...». No entanto, tal prática era já conhecida em datas anteriores. Com efeito, a obra *Memorias chronologicas e criticas para a historia da cirurgia moderna*, de Manuel Gomes de Lima Bezerra, impressa no Porto em 1762, contém uma lista das pessoas que a subscreveram, num total de 79, de diferentes pontos do país e ainda outras de Espanha. O público podia, desta forma, receber as obras a preço «mais moderado», conforme anunciava a propaganda, fazendo inscrever

¹⁸ Vêm indicados, por exemplo, nos seguintes números da *Gazeta de Lisboa*: n.º 26, 1726; n.º 10, 1742; n.º 30, 1.º supl., 1796; n.º 6, 2.º supl., 1797 e n.º 6, 1799.

¹⁹ *Gazeta de Lisboa*, n.º 11, 2.º supl., 1793.

²⁰ Ainda na *Gazeta de Lisboa*, n.º 50, 1735, pode ler-se o anúncio da obra *Erario mineral de cirurgia*, à venda em casa de seu autor, Luís Gomes Ferreira, cirurgião, aos Ferradores. O n.º 50 de 1751 refere que Manuel de Moraes Pedroso tinha à venda, no seu domicílio, a obra *Arte de musica*, de sua autoria.

²¹ Em várias obras saídas da oficina de António Alvares Ribeiro.

²² Por motivo de mudança de domicílio do seu editor, em 1762, passou a ser publicada em Lisboa. Cf. BESSA, Alberto — *Jornaes da minha terra*. «O Tripeiro», Porto, série 3, 2(35) Jun. 1927, p. 162.

*Anos que se imprimiraõ, e vendem na mesma Officina na
rua de S. Miguel nas casas N. 260., e na rua das Flo-
res na loja de Livros á esquina da travessa do Ferraz.*

Acto da muito dolorosa Paixaõ de Nosso Senhor
Jesu Christo.

— da Vida de Santa Catharina.

— de Santa Barbara.

— da Vida de Adam, Pai do Genero Humano.

— da Vida do Infante D. Pedro de Portugal, o qual
andou as sette partidas do Mundo.

— das Lagrimas de S. Joaõ Evangelista.

— de S. Pedro, e S. Joaõ Evangelista.

Historia do Imperador Carlos Magno, e dos doze Pa-
res de França.

— do grande Roberto Duque de Normandia, e
Imperador de Roma.

— verdadeira da Princeza Magalona.

— Imperatriz Porcina.

— das Vidas de Santa Maria Egypciaca, Santa
Thais, e Santa Theodora Penitentes.

— jocosos dos tres Corcovados de Setuval.

— do Marquez de Mantua.

Triunfo da Fé na conversaõ admiravel de Faustino Se-
nador Romano, e de toda a sua familia.

A Discordia destruida Drama ao Nascimento do Meni-
no Deos.

Elegia a Christo Senhor nosso morto.

Practica sentida entre o Corpo, e a Alma, &c.

Malicia das Mulheres.

Carta Apologetica em favor, e defenfa das Mulheres.

Passatempo Dramatico.

Queixas de Clorindo, ou reprehensaõ amigavel &c.

A Vaidade ridicula, Dialogo.

Entrenez o Divertimento das Noites de Inverno.

Esloza de Belmiro Pastor do Douro.

Elzaida, ou Amor vencido por Belmiro Pastor do Douro.

Comedias, Entremezes, e papeis curiosos.

RELAÇÃO DE LIVREIROS (IMPRESSORES, MERCADORES DE LIVROS E ENCADERNADORES) DO PORTO NO SÉC. XVIII

DATA	NOME	LOCAL	IMPRESSOR	MERCADOR DE LIVROS	ENCADERNADOR	DESIGNAÇÃO	N.º DE OBRAS IMPRESSAS
1680 - 1701	Manuel Rodrigues	Rua dos Mercadores				Livreiro	
1682 - 1707	João Vieira da Silva	Idem				Idem	
1682 - 1731	João Baptista Ribeiro	Idem				Livreiro e Mercador	
1692 - 1709	Manuel de Oliveira	Idem				Livreiro	
1698 - 1707	Agostinho Barbosa	Ponte de S. Domingos				Idem	
1698 - 1707	Francisco Correia Cordeiro	Rua de S. Domingos				Idem	
1698 - 1710	Luís Ferreira da Rocha	Rua dos Mercadores				Idem	
1698 - 1712	João Dias Leite	Rua de S. Domingos				Idem	
1701	José Ferreira Duarte	Rua dos Mercadores				Idem	
1702 - 1716	Manuel Domingues	Idem				Livreiro e Mercador	
1707 - 1726	Miguel de Matos Tavares	Idem				Livreiro	
1707 - 1745	Pantaleão Vieira da Silva	Idem				Livreiro e Mercador	
1710 - 1717	João Lopes Ferreira	Idem				Livreiro	
1711 - 1725	Miguel Gomes	Idem				Idem	
1726 - 1734	Paulo da Silva	Ruas dos Mercadores e Bainharia				Idem	
1731	João Ferreira Simões	Rua dos Mercadores				Idem	
1731 - 1766	Manuel Pedroso Coimbra	Idem	* Oficina Episcopal			Idem	42
1731 - 1767	André da Silva Lima	Idem				Idem	
1731 - 1771	Manuel Henriques Martins	Idem				Idem	
1737 - 1791	Manuel Caetano Alves de Sousa (pai e filho)	Idem				Livreiro e Louvado	
1738 - 1748	Pe. António da Costa Porto						7
1739 - 1749	Oficina Prototypa Episcopal						9
1741	Caetano Barrilar	Rua das Flores					
1743 - 1799	António Pires Henriques	Rua dos Mercadores				Livreiro	
1745	Cap. Manuel da Silva Campos	Junto ao Arco Santa Ana					
1749 - 1777	António Alvares Ribeiro Guimarães	Rua de Cimo do Muro				Impressor	27
1750	Domingos Cerqueira Costa						1
1755	José Gomes de Oliveira	Rua dos Mercadores				Livreiro	
1759 - 1771	Francisco Mendes Lima	Rua das Flores					27
1762	João Tomás	idem					
1762	José Ginioux	idem					
1763	Francisco Nunes Monteiro Castro	Rua do Souto				Livreiro	
1764	Baltasar Bezerra Lima					Idem	
1764	Caetano José					Idem	
1764	Francisco de Almeida Pinto	Rua de S. Miguel				Idem	
1764 - 1767	Luís Fernandes Guimarães	Rua das Flores				Idem	
1764 - 1780	José da Conceição e Castro	Rua dos Mercadores				Livreiro e Louvado	
1764 - 1792	Francisco Pereira de Carvalho	Rua das Hortas (?)				Livreiro	
1765	Primeira Oficina Portuense						14
1766 - 1807	Luís António José de Oliveira	Rua de S. Domingos e Rua das Virtudes (?)				Livreiro	
1767	Luís Pinto					Idem	
1767	José Cardoso de Moura						1
1770 - 1773	Francisco Clamopin Durand					Livreiro e Mercador	7
1772 - 1812	António Alvares Ribeiro	Ruas dos Mercadores, S. Miguel e Flores				Livreiro e Impressor	168
1774	José Isidoro da Gama					Louvado de Impressor	
1774-1796(?)	Manuel Pedroso de S. José					Idem	
1776	Vicente Pedro de Lacerda						2
1776	José Pinto Soares					Livreiro	
1776 - 1782	Luís António Gonzaga	Rua das Flores				Idem	
1776 - 1788	Manuel Alves da Costa Paiva(pai e filho)	Rua dos Mercadores				Livreiro e Louvado	
1776 - 1791	António José Vieira Reimão					Idem	
1776 - 1792	Manuel Pinto do Amaral	Rua dos Mercadores				Idem	
1776 - 1794	Bernardo António Farropo e C.ª	Junto ao Chafariz de S. Domingos	* da Relação (1792)			Livreiro	6
1776 - 1821	João Pires Henriques	Rua dos Mercadores	* da relação (1792)			Livreiro	6
1777 - 1798	Matias de Meireles Sarmento	Junto à Fábrica do Tabaco				Livreiro e Louvado	
1780	Nicolau António de Sousa	Rua dos Mercadores				Livreiro	
1780 - 1782	Inocêncio Alvares de Sousa					Idem	
1781 - 1786	António Manuel de Menezes	Rua dos Mercadores				Idem	
1782 - 1791	Francisco Rodrigues Anjo	Rua do Souto (?)				Mestre Livreiro	
1782 - 1791	Manuel de Jesus	Rua da Bainharia				Idem	
1782 - 1792	Frutuoso Rodrigues	Rua dos Mercadores				Livreiro	
1782 - 1816	José Bento Soares					Mestre Livreiro	
1783 - 1789	Manuel Marques da Silva					Livreiro	
1784	Vicente Emery e Viúva Emery						
1784	José Manuel Chiapa	Rua da Ferraria de Baixo				Loja de Livros	
1784	Pedro Francisco da Cruz	Rua do Souto					
1785 - 1798	Domingos José Pinto Vilalobos	Rua das Hortas					
1786	José Luis de Oliveira					Livreiro	
1788	Antónia de Jesus Maria	Rua dos Mercadores				Contratadora de Livros	
1788 - 1807	Jerónimo da Cunha Bandeira	Guindais da Ribeira					
1788	Pedro Ribeiro França	Largo de S. Domingos	* da Relação (1807)				9
1789	António Pinheiro	Postigo das Virtudes				Impressor	
1790	Manuel Francisco Guimarães					Impressor e Compositor	
1790 - 1792	Anastácio António da Rocha	Postigo das Virtudes				Livreiro	
1791	António Félix					Idem	
1791	José Lopes					Compositor de Livros	
1791	Marcelino José (de Faria?)					Impressor	
1791 - 1792	Francisco Castelhan					Idem	
1791 - 1792	Francisco José da Silva					Idem	
1791 - 1792	João José da Silva					Idem	
1793 - 1797	Viúva Mallen, Filhos e C.ª					Idem	
1794	Sebastião Rodrigues da Silva	Rua das Flores	* da Relação (a partir de 1794)				12
1794	Simão Aires da Cunha						
1794 - 1795	Amadeo João (ou José?) de Macedo	Rua dos Mercadores (?)				Impressor	
1794 - 1795	Francisco Manuel Moreira					Livreiro	
1794-1834(?)	António José Guimarães	Rua dos Mercadores				Impressor	
1795	José Joaquim					Livreiro	
1796	Manuel Martins de Aguiar					Idem	
1798 - 1804	João Agathon						
1798 - 1817	Domingos Ribeiro França	Rua das Flores e Viela do Ferraz				Livreiro e Louvado	2

* Lista elaborada a partir das obras referenciadas no final do trabalho, da consulta directa de espécies Bibliográficas impressas no Porto no século XVIII e, subsidiariamente, numa relação de livreiros constante de um trabalho por nós anteriormente apresentado no curso de Bibliotecário-Arquivista.

Um outro aspecto importante é que alguns impressores e mercadores de livros chegaram a constituir sociedade. Aconteceu assim com Bernardo António Farropo, Pedro Ribeiro França, a Viúva Emery e Clamopin Durand & Grouteau.

Não foram estes últimos os únicos livreiros estrangeiros a trabalhar no Porto. Num movimento, aliás extensivo à capital e mesmo a outros centros, é natural que alguns deles, em busca de um local para o exercício da profissão, fossem atraídos pela prosperidade económica desta cidade.

IV — Os Livreiros e o Meio Cultural

Na verdade, vinha a desenvolver-se desde o século anterior um certo incremento da economia²⁷. Os negociantes locais, a par de inúmeros estrangeiros (sobretudo ingleses), contribuíram para a prosperidade da cidade, dando-lhe um cunho essencialmente comercial.

Ocupado no trabalho do dia a dia, o burguês do Porto «não se entregava ao descanso ou à ociosidade mais que nos dias e horas livres»²⁸. No entanto, esses homens não se alhearam totalmente do progresso cultural que então se verificava no país. Para isso contribuiu, por certo, um grupo ligado à produção e comercialização dos instrumentos transmissores de ideias e conhecimentos — os livreiros.

Apesar de ter ficado muito à quem de Lisboa ou Coimbra — disso é claro indício a desproporção que se verifica na produção tipográfica — o Porto tentou acompanhar o movimento das «Luzes».

Embora se saiba ter existido a Arcádia Portuense, não chegaram até nós vestígios da sua repercussão no meio editorial. Contrariamente, é de realçar o papel de duas academias médicas. Em 1746, graças às diligências de um eminente cirurgião, Manuel Gomes de Lima Bezerra, surge a *Academia Prototypa Lusitanica Portuense*, com o epíteto de Real e, pouco depois, a *Academia Medico Portopolitana*²⁹. Sendo uma das suas finalidades a divulgação das mais notáveis «observações» no campo da medicina experimental, não admira que o mesmo Lima Bezerra fizesse publicar um anúncio, no sentido de incentivar os cirurgiões do reino a remeterem-lhe os estudos por eles realizados, os quais a Academia se propunha publicar³⁰.

²⁷ O desenvolvimento comercial que se manifestou foi, como é sabido, consequência do aumento de produção dos vinhos da região do Douro que, cada vez mais, conquistavam os mercados estrangeiros.

²⁸ COSTA, Agostinho Rebelo da — *Descrição topographica e historica da cidade do Porto*. Porto, Off. de António Alvares Ribeiro, 1789.

²⁹ MONTEIRO, Hernâni — *Origens da cirurgia portuense*. Porto, Araújo & Sobrinho, 1926.

³⁰ *Gazeta de Lisboa*, n.º 26, 1748.

Como consequência da acção destas duas últimas instituições, ter-se-á processado um aumento de laboração por parte das tipografias. A Real Academia escolheria até para seu prelo uma oficina que em 1748, data da impressão dos Estatutos, se designava por *Officina Prototypa Episcopalis e da Real Academia Chirurgical do Padre Antonio da Costa Porto*. No entanto, seria erróneo pensar-se que foi caso único. Comprova-se a existência de outros livreiros que se encarregaram de imprimir a produção proveniente das referidas academias.

Alguns anos mais tarde, a criação da Aula Náutica e de uma Aula Pública de Debúcho e Desenho denuncia um certo interesse pelos problemas relativos ao ensino. Os portuenses sentiram a necessidade desses estabelecimentos e a Companhia Geral de Agricultura empenhou-se na sua concretização.

Manifestou-se igualmente o interesse pelo conhecimento das línguas francesa, inglesa e italiana. É de notar que tenha sido um livreiro, Pedro Ribeiro França, a pessoa indigitada para dar informações sobre uma «casa d'educação» a qual, com autorização da Real Mesa Censória, se iria estabelecer na cidade em 1791. Nos seus programas incluía-se, a par de outras disciplinas, o ensino das referidas línguas³¹.

Ainda dentro da mesma perspectiva, convém realçar que mais directamente ligado ao ensino esteve um outro impressor. Francisco Clamopin Durand, autor da obra *O Mestre francez ou Novo methodo para aprender a lingua franceza por meio da portugueza* (impressa em 1767 e reimpressa duas vezes por diferentes oficinas em 1771) foi professor de francês nesta mesma cidade.

Como complemento cultural e para passar algumas horas de lazer, o portuense assistia a representações teatrais, a espectáculos de ópera e outros. Foi aos livreiros que coube a empresa da difusão de obras de teatro — desde as mais cuidadas traduções e adaptações de peças de Voltaire, ou do tão apreciado Metastásio, ao teatro de cordel. Na sua maioria, foram impressas por António Alvares Ribeiro que, em «catálogos» da especialidade apensos às suas edições, não deixou de anunciar várias comédias, entremezes e «papéis curiosos», à mistura com autos religiosos que continuavam a ser do agrado público.

Coube a um periódico portuense a honra de ser considerado como a «primeira gazeta portuguesa de cultura»³². Trata-se da *Gazeta Literaria* que assumiu lugar de destaque no panorama cultural do tempo, embora tenha sido de duração efémera (1761-1762). O mesmo destino teve o seu antecessor, o *Zodiaco Lusitanico* (cuja finalidade foi a divulgação de conhecimentos cientí-

³¹ A notícia publicitária encontra-se na *Gazeta de Lisboa*, n.º 33, 2.º supl., 1791.

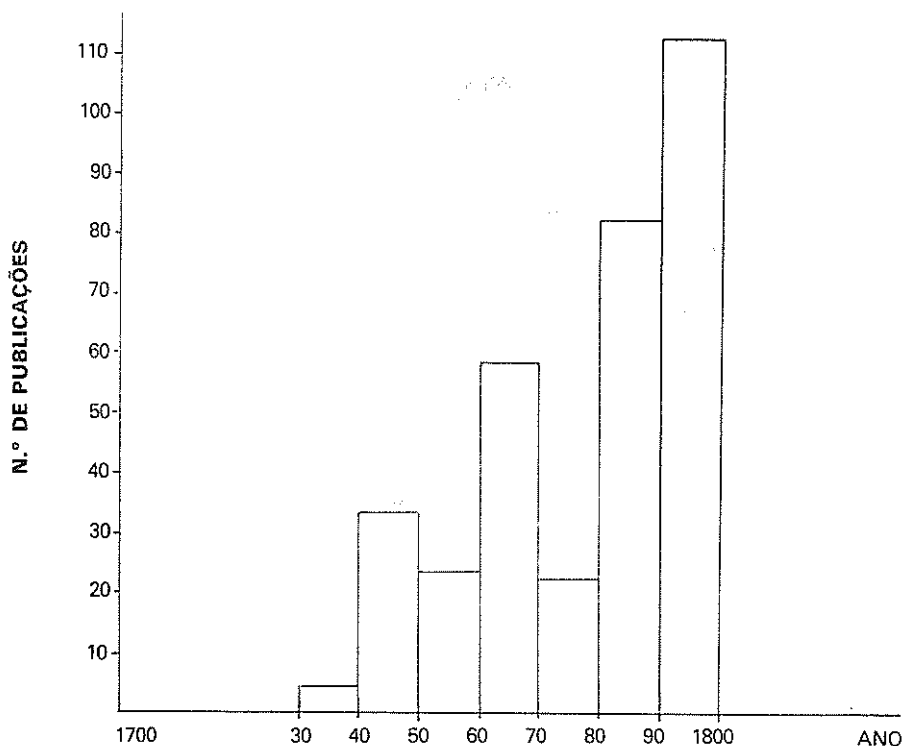
³² COELHO, Jacinto do Prado — *Dicionário de literatura*. Porto, Livraria Figueirinhas, 1969, v. 1, p. 505.

ficos) e uma outra publicação congénere, a *Bibliotheca das Sciencias e Artes*³³, que data de 1793.

Como se vê, a imprensa periódica ensaiava, no Porto, os seus primeiros passos. Seria «incómoda e difícil»? É essa, pelo menos, a opinião de José Bento Lopes, no prefácio do *Anno Medico. Observações metereologicas e medicas do Porto no anno de 1792*, um outro periódico editado no Porto, em 1796. Ainda neste âmbito, é notória a desproporção entre Porto e Lisboa — os números são elucidativos: 4 periódicos para 37, durante toda a centúria³⁴.

As iniciativas culturais até agora referidas, que ocorreram na segunda metade do século, foram acompanhadas por uma subida na produção de livros e pelo aumento paralelo das oficinas de impressão e das lojas de venda.

A documentação compulsada permitiu-nos representar graficamente os níveis de produção.



³³ Esta publicação, de que encontramos apenas os dois primeiros números, não vem indicada em obras de referência. Deve considerar-se como mais um periódico do Porto, a acrescentar aos três até agora referenciados. Existe na Biblioteca Pública Municipal do Porto.

³⁴ O segundo número é-nos dado por José Tengarrinha — *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa, Portugal, 1965.

tura, a Economia rural, o Commercio, a Política, &c.

Sendo o numero dos homens instruidos, ou que procuraõ instrui-se, cada vez mayor, esta parte da sociedade receberá com gôsto estas bellas producçoens dos Sabios traduzidas na Lingua vulgar, que reuñem debaixo de hum mesmo ponto de vista, o que só se acharia, com muito trabalho, e deligencia em muitos volumes, e juntamente apresentaõ definiçoens claras, e precisas para dar noçoens verdadeiras, e certas de todos os objectos, que tem existido, e existem na natureza.

Eis-aqui o plano desta Obra, cujo titulo bastaria para dar hum pleno conhecimento das materias de que ella tracta; e para mayor utilidade, e mais prompta satisfacão dos applicados, será distribuida por Cadernos, ou Numeros, e destes sahirá todos os mezes hum, ou mais confôrme a abundancia das materias, e gôsto dos applicados.



BI-

A partir deste gráfico pode-se pois concluir, até mais completas investigações:

- Há praticamente um vazio na produção tipográfica até cerca de 1740, vazio este que poderá estar na continuidade da recessão que se verificou desde a segunda metade do século anterior. Aliás, fenómeno semelhante sucedeu relativamente a Lisboa, onde se notou uma redução na actividade tipográfica³⁵. No conjunto das condições sócio-culturais dessa época, nenhuma se nos afigura relevante, como explicação para o referido facto.
- A subida verificada entre 1740 e 1750, sucedeu uma relativa quebra de produção. Tal situação poder-se-á, em parte, explicar pelas consequências imediatas do terramoto de 1755. É sintomático que em 1756 Manuel Gomes de Lima Bezerra, autor da obra *O praticante do hospital convencido*, tenha afirmado que a não pôde completar devido à falta de papel, que não era fácil encontrar no reino, «vista a triste situação em que o deixou o lamentavel Terremoto».
- Deu-se após 1760 uma rápida ascensão, sendo também a partir desta altura que surgiu um maior número de impressores e mercadores de livros.
- Nova regressão se verificou entre 1770 e 1780. É muito provável que traduza a influência de algo intimamente ligado à tipografia — uma mais intensiva vigilância pom-balina que culminou, em 1768, com o estabelecimento da Real Mesa Censória. Não queremos com isto indicá-la como causa única.
- Três anos depois de 1777 («Viradeira»), alcançou novo incremento a produção tipográfica portuense, continuando em flecha até finais do século, como que anunciando o seu grande desenvolvimento na centúria seguinte.

No que respeita ao público leitor, notemos que os seus interesses culturais vinham a aumentar progressivamente, segundo refere um livreiro francês, estabelecido em Lisboa por 1780, J. B. Reycend. São expressivas as suas palavras: «...depuis la

³⁵ Cf. MACEDO, Jorge Borges de — *Problemas da história da indústria portuguesa no séc. XVIII*. Lisboa, Associação Industrial Portuguesa, 1963, p. 116 e GAMA, Angela Barcelos da — *Livreiros, editores e impressores em Lisboa no séc. XVIII*. «Arquivo de Bibliografia Portuguesa», Coimbra, 13 (49/52), 1967, p. 8-81.

réforme de l'Université de Coïmbre, ainsi que de l'ouverture d'une Academie de Sciences et Arts de cette ville, les portugais commencent d'avoir un peu plus de goût pour la lecture de bons livres tant latins que françois & autre langue»³⁶.

Essa motivação para a leitura era alimentada, como já vimos, por livros adquiridos no estrangeiro. Desse modo, novas doutrinas e novos ideais divulgavam-se no meio citadino portuense.

Aqui, como no resto do país, a censura não deixou de exercer a sua acção, incluindo nas listas de «livros defesos» algumas edições portuenses³⁷. Mas, os próprios livreiros se encarregaram da impressão de obras ao tempo «escandalosas, insolentes e injuriosas à Nação» que, segundo parece, chegavam a remeter para a capital³⁸.

Corresponde igualmente a um maior empenho na aquisição de novos conhecimentos, por parte dos homens do Porto, o facto de Pedro Ribeiro França, em 1793, ter resolvido publicar mensalmente a já citada *Bibliotheca das Sciencias e Artes* — uma «bibliotheca universal, util a todos aquelles, que se interessão no conhecimento de todas as sciencias e artes». O livreiro-editor, conhecedor do crescente «numero dos homens instruidos ou que procurão instruir-se», acredita no sucesso da publicação. O seu objectivo era dar a conhecer as últimas novidades literárias e científicas, procedentes das principais Academias da Europa, os discursos publicados nos diários estrangeiros, os novos inventos surgidos nas mais importantes cidades europeias — em suma: o «conhecimento das melhores Obras, cujo objecto são as Sciencias, e Artes, a Literatura, a Agricultura, a Economia rural, o Comercio, a Politica &c.».

Contudo, parece-nos erróneo pensar que o interesse pela instrução e pela cultura era, então, extensivo a uma maioria populacional.

³⁶ BONNANT, Georges — *ob. cit.*

³⁷ Estão nesse caso a obra *Clamores feitos ao ceo...* de Frel Miguel das Almas Santas; a *Cartilha nova* do Padre Manuel Velho e uma tradução da *Henriade* de Voltaire (Cf. *Catalogo de livros defesos neste Reino desde o dia da criação da Real Mesa Censoria athe ao presente*, in MARQUES, Maria Adelaide Salvador — *A Real Mesa Censória e a Cultura nacional*. Coimbra, Universidade, 1963, Sep. «Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra», 26, p. 118-206).

³⁸ Em 1753, referindo-se a um papel intitulado *Novo Methodo ou Arte das Necessidades*, um livreiro de Lisboa declarou à Inquisição que o responsável por tal edição havia sido António Pires (provavelmente António Pires Henriques, estabelecido no Porto na rua dos Mercadores), «Livreiro com quem se correspondia». (Cf. ANDRADE, António Alberto de — *Vernei e a cultura do seu tempo*. «Acta Universitatis Conimbrigensis» Coimbra, Universidade, 1965, p. 597-598).

BIBLIOTHECA
DAS
SCIENCIAS, E ARTES,
OU

Noticia das melhores Obras , que sahem na Europa , como tambem os melhores Discursos, Differtaçoens , Memorias , compoſtas ſobre as Sciencias , e Artes , pelos mais celebres eſcriptores em Latim , Francez , Inglez , Italiano, Alemaõ , &c. para utilidade dos applicados.

Numero Primeiro.



P O R T O :

Na Offic. DE PEDRO RIBEIRO FRANÇA!

Anno 1793.

Com licença da Real Meza da Commiſſaõ General ſobre o Exame , e Censura dos Livros.

Pelo contrário, a análise percentual do tipo de obras impressas, num total de 351, mostra uma realidade diferente.

Distribuição percentual da produção tipográfica

Teologia, Religião e Moral (inclui sermões) ...	40,4 %
Literatura	19,3 %
Literatura de cordel	8,2 %
Medicina e Farmácia	6,8 %
História	6,2 %
Publicações legais e regulamentos	4,5 %
Gramática, Retórica e Crítica Literária	3,9 %
Artes e Ciências	3,7 %
Filosofia	2,5 %
Direito e Política	2,2 %
Pedagogia	0,8 %
Varia	0,8 %

Exceptuando a área das literaturas (essencialmente constituída por obras de poesia, prosa laudatória e literatura de cordel), os restantes grupos mostram-se, em percentagem, abafados por um grande número de publicações de índole religiosa e moral. Era este, ao que parece, o tipo de obras que continuava a atrair prioritariamente o público leitor setecentista.

A inexistência de uma importante academia literária ou de uma Universidade, no Porto, parece fundamental para explicação do limitado número de publicações. Temos de contar, ainda, com o desaparecimento de uma parte da produção tipográfica.

Atendendo igualmente à escassez de produção encontrada, em relação a cada uma das oficinas de impressão (com excepção para um ou outro caso), uma pergunta parece pertinente: Como se explica o relativamente elevado número de livreiros que exerceram a sua actividade no século XVIII?

Se é certo que uma parte dessa actividade estava voltada para o comércio do livro (que não era necessariamente produzido

na cidade), há também que ter em conta a ocupação de uns tantos na realização de outros trabalhos, tais como a encadernação e o «feito de livros», como já referimos.

Entre os clientes contavam-se a Câmara e as várias ordens religiosas e ordens terceiras. Essas instituições encarregavam-nos, ainda, da impressão de editais ou de simples bilhetes, «boletos», cartas, interrogatórios, compêndios de graças e indulgências. A existência de uma «Oficina Prototypa Episcopal» e da «Oficina Episcopal» de Manuel Pedroso Coimbra, leva-nos a concluir que seriam em grande número os trabalhos executados para a diocese. Outro tanto aconteceria, naturalmente, com a Relação do Porto que, entre 1792 e 1807, teve três «empresas» tipográficas ao seu serviço.

Mas se os números relativos à produção são modestos (e a sondagem abrangeu os locais onde se encontram os fundos das mais importantes instituições religiosas e culturais do Porto desse tempo), quer-nos parecer que isso não bastará para invalidar a imagem que formamos do livreiro portuense — a sua posição de destaque no meio sócio-cultural, relativamente aos restantes ofícios mecânicos.

Referências Bibliográficas

Manuscritos:

DA BIBLIOTECA PUBLICA MUNICIPAL DO PORTO:

Catálogos do fundo antigo
Inventários das bibliotecas de Alexandre Garrett, Visconde de Balsemão,
Lóios e Congregação do Oratório.

DO GABINETE DE HISTORIA DA CIDADE:

Lançamento dos quatro e meio por cento e Lançamento dos cinco e
meio por cento.
Listas das Companhias de Ordenanças.
Livro dos Proprietários das Tipografias e Litografias — 1835-1876.
Livros de Décimas
Livros de Maneio
Mandados dos Bens do Concelho
Recenseamento do Bairro de Santo Ovídio
Termos dos juramentos dos louvados

DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO:

Cadernos dos Zeladores
Livros de Recepções de Irmãos
Livros do Secretário
Livros do Síndico
Maços de Recibos

DA ORDEM DA TRINDADE:

Livros de Entradas de Irmãos

Impressos:

ACADEMIA DAS CIENCIAS DE LISBOA — *Catálogo dos livros, que se hão
de ler para a continuação do dictionario da lingua portugueza.* Lisboa,
Academia Real das Sciencias, 1799.

ANSELMO, António Joaquim — *Bibliografia das obras impressas em Portugal
no século XVI.* Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO — *Catálogo da bibliotheca.* Porto,
A. C. P., 1908.

- ATENEU COMERCIAL DO PORTO — *Catálogo geral da bibliotheca*. Porto, A. C. P., 1911.
- BESSA, Alberto — *Jornaes da minha terra*. «O Tripeiro». Porto, série 2, n.º 2, Jan. 1919 e segs.
- BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA — *Catálogo da colecção de miscelâneas*. Coimbra, Universidade, 1967-1976.
- *Catálogo dos reservados*. Coimbra, Universidade, 1970.
- Catálogo da magnífica livraria que pertenceu ao falecido bibliófilo Joaquim Gomes de Macedo...* Porto, 1933.
- O COMERCIO DO PORTO — *Cathalogo da bibliotheca*. Porto, C. P., 1893.
- ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO — *Catálogo da biblioteca*. Porto, E. M.-C. P., 1910.
- GAMA, Angela Barcelos da — *Livreiros, editores e impressores em Lisboa no séc. XVIII*. «Arquivo de Bibliografia Portuguesa», Coimbra, 13 (49/52) 1967, p. 8-81.
- Gazeta de Lisboa: Anos de 1715 a 1751 e 1780 a 1805*.
- Jornal Encyclopedico...* Lisboa, 1779-1793.
- LICEU DE RODRIGUES DE FREITAS. Biblioteca — *Catálogo metódico*. Porto, L. R. F., 1916.
- LOFF, Maria Isabel — *Impressores, editores e livreiros no séc. XVII em Lisboa*. «Arquivo de Bibliografia Portuguesa», Coimbra, 10/12 (37/48) 1964-1966, p. 49-84.
- MACHADO, Diogo Barbosa — *Bibliotheca lusitana...* Lisboa, Off. de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1759.
- MANUEL II, rei de Portugal — *Livros antigos portugueses 1490-1600. Da bibliotheca de Sua Magestade Fidelissima...* Londres, Maggs Bros, 1929.
- MATOS, Marina de Moraes Freitas de — *Impressores, editores e livreiros no Porto do século XV ao século XVIII*. «Arquivo de Bibliografia Portuguesa», Coimbra, 16 (61/62) 1970, p. 105-120.
- MATOS, Ricardo Pinto de — *Manual bibliographico portuguez*. Porto, Livraria Portuense de Manoel Malheiro, 1878.
- Mercurio Historico, Politico e Litterario*. Lisboa, 1794-1797.
- PEIXOTO, Jorge — *História do livro impresso em Portugal*. «Arquivo de Bibliografia Portuguesa», Coimbra, 10/12 (37/48) 1964-1966, p. 1-26.
- RAMOS, Luís A. de Oliveira — *Raizes do liberalismo portuense*. Porto, 1978. Sep. «Revista de História», 1, Centro de História da Universidade do Porto, 1978.
- SANTOS, José dos — *Catálogo da importante e preciosissima livraria que pertenceu aos notáveis escritores e bibliófilos Condes de Azevedo e de Samodães...* Porto, Tip. da Empresa Literária e Tipográfica, 1921.
- *Catálogo da notável e preciosa livraria que foi do ilustre bibliófilo conimbricense Conde do Ameal...* Porto, Tip. da Sociedade de Papelaria, 1924.
- SANTOS, Manuel dos — *Bibliografia geral...* Lisboa, M. S., 1914-1917.
- SILVA, Inocêncio Francisco da — *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1858 — ...